



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**MYRTS POLYNNE DA SILVA SOUZA**

**ESCRITA FEMININA NEGRA EM OLHOS D'ÁGUA: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2021**

**MYRTS POLYNNE DA SILVA SOUZA**

**ESCRITA FEMININA NEGRA EM OLHOS D'ÁGUA: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

**Área de Concentração:** Estudos socioculturais pela literatura.

**Orientador (a): Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Myrta Polynne da.  
Escrita feminina negra em Olhos D'água [manuscrito] :  
Memória e Resistência / Myrta Polynne da Silva. - 2021.  
19 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves  
, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."  
1. Escrita feminina negra. 2. Conto. 3. Análise literária. I.  
Título

21. ed. CDD 801.95

**MYRTS POLYNNE DA SILVA SOUZA**

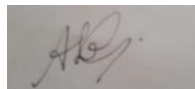
**ESCRITA FEMININA NEGRA EM OLHOS D'ÁGUA: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

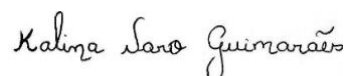
**Área de Concentração:** Estudos socioculturais pela literatura.

Aprovado em: 18/10/2021.

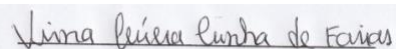
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves.  
(Orientadora DLA – UEPB)



Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães.  
(DLA – UEPB)



Profa. Dra. Virna Lúcia Cunha de Farias.  
(IFPB – campus Picui)

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	5
2	REFLEXÕES SOBRE O CONTO E A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ESCRITORES NEGROS NO BRASIL.....	7
3	ANÁLISE DO CONTO “OLHOS D’ÁGUA” .....	11
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	15
	REFERÊNCIAS.....	16

## ESCRITA FEMININA NEGRA EM OLHOS D'ÁGUA: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Myrts Polynne da Silva Souza <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a importância da escrita feminina negra na produção literária a partir da análise do conto “Olhos d’água” da escritora Conceição Evaristo, ressaltando o resgate de memórias como ferramenta de resistência das mulheres negras frente às diversas opressões a que são submetidas ao longo da vida. O conto presente no livro homônimo faz parte de uma coletânea de quinze textos que apresentam como temáticas as vivências de mulheres e homens negros que sofrem com as mais variadas formas de violência e opressão na sociedade. Os objetivos específicos são: 1) discutir aspectos do conto literário e suas proximidades com a tradição oral e sua importância na escrita negra; 2) ressaltar o resgate das memórias através da escrita como instrumento de resistência para reexistir. Para a análise foi realizado um breve estudo sobre as contribuições da teoria literária sobre especificidades do gênero conto e sobre a trajetória da literatura negra no Brasil. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa interpretativista do conto, fundamentada a luz das teorias de Cuti (2010), Battela (1990), Rosa (2018), Ribeiro (2019), entre outros. Ao final da pesquisa, constatou-se que o conto analisado apresenta aspectos temáticos que aludem à situação social, econômica bem como aos valores e crenças de mulheres negras brasileiras, revelados através do resgate da memória. Verificou-se também que a escrita de Conceição Evaristo assume papel fundamental na literatura contemporânea por romper com paradigmas impostos historicamente, proporcionando a mulher negra um papel de destaque enquanto autora de sua própria história.

**Palavras-chave:** Escrita feminina negra. Conto. Olhos D’água. Conceição Evaristo.

### ABSTRACT

This work aims to reflect on the importance of black female writing in literary production from the analysis of the short story "Olhos d'água" by the writer Conceição Evaristo, emphasizing the rescue of memories as a tool of resistance for black women in the face of various oppression to which they are subjected throughout their lives. The short story in the homonymous book is part of a collection of fifteen texts that present as thematic the experiences of black women and men who suffer from the most varied forms of violence and oppression in society. The specific objectives are: 1) to discuss aspects of the literary short story and its proximity to oral tradition and its importance in black writing; 2) emphasize the rescue of memories through writing as an instrument of resistance to re-exist. For the analysis, a brief study was carried out on the contributions of literary theory on specificities of the short story genre and on the trajectory of black literature in Brazil. This is a qualitative interpretive study of the short

---

<sup>1</sup> Aluna graduanda do curso de Licenciatura Plena em Letras – Português – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

story, based on the theories of Cuti (2010), Battela (1990), Rosa (2018), Ribeiro (2019), among others. At the end of the research, it was found that the analyzed short story presents thematic aspects that allude to the social and economic situation, as well as to the values and beliefs of black Brazilian women, revealed through the rescue of memory. It was also verified that the writing of Conceição Evaristo plays a fundamental role in contemporary literature for breaking with historically imposed paradigms, providing black women with a prominent role as the author of their own history.

Keywords: Black female writing. Tale. Water Eyes. Conceição Evaristo.

## 1 INTRODUÇÃO

Durante muitos séculos, as mulheres de forma geral estiveram à sombra dos homens, seja em aspectos sociais, culturais e/ou artísticos. Sempre colocadas como “objeto” e nunca como sujeito, sua participação na literatura era apenas como personagens desempenhando papéis secundários que demonstravam apenas o ponto de vista masculino em relação à figura feminina. Tais condições são consideradas mais dramáticas quando voltamos o nosso olhar para a mulher negra, para as quais os espaços, por muito tempo, se restringiram ao lugar de escravizada/empregada e/ou a figura associada à sensualidade. Entretanto, nas últimas décadas vem havendo um movimento dedicado à desconstrução dessas imagens negativas, esse vem sendo liderado por autores e autoras que se comprometem com a causa negra e que passaram a ser porta voz das suas próprias histórias e de seus semelhantes, na tentativa de recontar e dar um novo significado a suas histórias e vivências.

Dessa forma, pensar acerca do papel da escrita da mulher negra na produção literária brasileira é um exercício que requer não apenas revisitar as várias histórias inseridas na realidade de mulheres cindidas, inferiorizadas, subjugadas, mas também resgatar as múltiplas vozes de mulheres que por muito tempo foram silenciadas, mulheres fortes, trabalhadoras, que, com garra e força, transformam seus corpos em instrumentos de luta e resistência às limitações impostas por um sistema violento e opressor.

A Literatura escrita por mulheres negras assume, portanto, um importante papel de representação, indo além do contar histórias, mas utilizando a sua escrita, sobretudo, como instrumento e fonte de ativismo através da produção literária trazendo à tona questões relacionadas à etnia e ao gênero.

Em decorrência de pré-conceitos históricos enraizados, e das opressões interligadas que as atingem, além da discriminação racial, escritoras negras também precisaram enfrentar o preconceito de gênero, e, por vezes, de classe, pois se a princípio, para mulheres brancas a escrita literária em uma sociedade predominantemente patriarcal e racista foi um grande desafio, para as mulheres negras esse desafio ganhava uma nova forma mais rígida. Beel Hooks comentará em seu artigo *“Mulheres negras: moldando a teoria feminista”* que “as mulheres brancas e os homens negros podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras” (HOOKS, 2015, p. 207-208). A autora enfatiza, assim, como as

mulheres negras são desde sempre as mais oprimidas e invisibilizadas perante a sociedade, o que implica também ao não ou pouco reconhecimento de sua capacidade intelectual e de suas obras. Dessa forma, a literatura vem se configurando um instrumento fundamental na redução das desigualdades instaladas historicamente em nossa sociedade, revelando-se, um espaço imprescindível para disseminação de ideais, experiências e de voz para aqueles que, por muito tempo, foram silenciados.

A história das mulheres negras, apesar dos silêncios milenarmente impostos, vem superando os limites que a sociedade lhe reservou. Todavia o lugar ocupado por escritoras negras ainda possui limitações consideráveis se comparados à produção de escritores homens e de escritoras brancas. Fato que reflete uma sociedade que mantém desigualdade em diversas áreas pela continuidade de estruturas excludentes, como o racismo e o machismo. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é promover reflexões sobre a importância da escrita feminina negra e refletir sobre a produção literária feminina negra através da análise do conto “Olhos d’água” da escritora Conceição Evaristo, ressaltando a importância do resgate das memórias como ferramenta de resistência das mulheres negras frente às diversas opressões as quais são submetidas ao longo da vida. O conto em estudo faz parte da obra “Olhos D’água” que reúne quinze contos que se costumam mediante as narrativas de protagonistas negras que sofrem os mais diversos tipos de marginalização, violências e marcas de um passado escravocrata.

A voz que ecoa desta obra, assim como de todas as outras produzidas por Conceição Evaristo, pretende romper com a visão estereotipada, deturpada e preconceituosa sobre as pessoas negras. A escrita, dessa forma, reflete aquilo que a autora representa, o que pensa, porque ou quem luta. Assim, ela constrói narrativas através da linguagem comprometida esteticamente e politicamente com as histórias de vida negras apagadas e silenciadas durante séculos. A “escrivência” sobre os desafios diários, as portas travadas nos bancos, os olhares maldosos, os filhos perdidos, o corpo violado.

Vale ainda ressaltar que Conceição, assim como outras escritoras negras, precisou enfrentar o estigma de ser vista como produtora de uma “literatura inferior”, especificamente por se tratar de uma mulher negra que escreve sob o ponto de vista dos afrodescendentes, por tanto, a trajetória literária de Conceição Evaristo é marcada pelas dificuldades de produção e divulgação, encontrando enfim nos *Cadernos negros*, do grupo paulista Quilombohoje, seu principal veículo de divulgação de seus poemas e contos.

O conto *Olhos D’água* é um exemplo dessa *escrivência*, nascido das memórias da própria escritora, retrata as narrativas de outras mulheres negras que durante séculos foram obrigadas a ninar com versos e contações *A casa-grande* sem tempo para os seus filhos, os seus sonhos, a sua casa.

Para a realização deste artigo, utilizamos como *corpus* da nossa análise o conto supracitado, a metodologia aplicada foi de cunho qualitativa interpretativista, que conforme Gerhardt e Silveira (2009) “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (p. 31). Nesse sentido, apresenta procedimentos metodológicos de cunho bibliográfico, visto que, como endossa Fonseca (2002) será realizado um levantamento de fontes referenciais teóricas já elaboradas, tais como livros, artigos científicos, revistas eletrônicas etc. Assim, utilizamos teóricos que possuem produção teórica e literária a respeito do tema aqui tratado, como Cuti, Rosa, Battela, Ribeiro, dentre outros.



Sendo assim, no primeiro tópico deste trabalho, intitulado “Reflexões sobre o conto e a produção literária de escritores negros no Brasil”, abordamos a relação entre o conto e a cultura oral, bem como a forma que a cultura oral africana influencia a produção literária feminina negra, mais especificamente nos contos de Conceição Evaristo, refletindo sobre a importância da oralidade nessa cultura e na construção de uma cultura afro-brasileira. Discutir essas temáticas se faz importante para que possamos, de alguma forma, compreender como se dão a perpetuação de algumas histórias e o que significou essa resistência através da memória coletiva na construção dos contos da autora.

Dando prosseguimento às reflexões empreendidas neste trabalho, no segundo tópico analisamos o conto “Olhos d’água”, focando em aspectos como memória, racismo, exclusão social, destacando algumas passagens a fim de perceber traços da memória histórica, social e cultural afro-brasileira, por meio dos exemplos analisados das lembranças da narradora personagem.

## **2 CONTO E A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ESCRITORES NEGROS NO BRASIL**

O conto, cuja origem está nas histórias orais passadas de geração para geração, exerce grande influência sobre o contexto cultural. Sua universalidade e permanência até hoje demonstram a sua relevância para o ser humano. Tal gênero remonta, portanto, à tradição oral que, antes mesmo do processo da escrita ou da urbanização, já ocupava um lugar privilegiado nas culturas primitivas, servindo muitas vezes como um recurso didático e/ou religioso, capaz de explicar as origens, o destino e o conjunto de crenças de um povo, bem como os fenômenos naturais e sociais de determinada cultura. (ROSA, 2018, p. 2).

Muitos contos escritos na Idade Média foram reescritos, recontados, e transformados, para adequarem-se à sociedade na qual se inseriam. Alguns deles perduraram e espalharam-se por toda a parte, através da habilidade narrativa de gerações de contadores, que dedicavam parte das longas noites de outrora para entreterem-se uns com outros contando e ouvindo histórias.

Desde então, as concepções sobre o gênero conto foram se reestruturando e sofisticando-se, através das contribuições de teóricos como Edgar Allan Poe, Anton Thekhov, Horacio Queiroga e Júlio Cortazar, deixando assim de ser um produto pertencente apenas às culturas orais para ser considerado uma manifestação literária. Entre as teorias contemporâneas sobre o conto, a autora Nadia Battela traz importantes considerações a respeito em sua obra *Teoria do conto*, na qual utiliza vários dos autores já citados acima como referência. Para a autora, uma das características centrais do conto é a de narrar um evento de interesse humano, essas narrativas, entretanto, não precisam necessariamente ser reais, nem mesmo ficcionais, pois derrubam as barreiras entre a realidade e a irrealidade.

Nesse sentido, um conto torna-se significativo quando expressa algum âmbito da condição humana, rompendo os limites do enredo. A sua significação está diretamente ligada ao tema, com a escolha de determinados incidentes que não se limitam ao anedótico. Por mais comuns que sejam, quando recebem tratamento adequado, esses contos são capazes de irradiar uma significação profunda, um conjunto de representações capaz de transformar-se no “resumo implacável de certa condição humana” (CORTÁZAR, 1974, p. 153).

No Brasil, muito da tradição oral diz respeito às influências dos africanos que vieram para cá escravizados, responsáveis por recriar a memória dos fatos e feitos de seus antepassados, ressignificando a vida nos novos lugares de morada. Foram

também poetas, músicos, dançarinos, estudiosos, mestres, conselheiros, denominados, de modo geral, como contadores de histórias. (SOUZA, SILVA, 2013).

A arte do contar perpassa, pois, pelas mais diversas culturas, contribuindo para a construção destas. Souza e Silva assinalam que

As culturas africanas e afro-brasileiras preservam, também na escrita, narrativas que podem ser associadas ao que a crítica literária ocidental classifica como contos, lendas, fábulas, provérbios, canções, etc. É fundamental compreender que a base de todas as histórias guarda reminiscências na tradição oral. (SOUZA, SILVA, 2013).

O espaço narrativo do conto com seus personagens instigantes, enredos metafóricos, e desfechos inesperados, conta, também com o importante valor de revelar os múltiplos segmentos da vida social atual. Compreender essas raízes, a universalidade e a importância desse gênero advindo da tradição oral popular, bem como da literatura em geral, significa poder contribuir para a promoção da igualdade das relações de diferentes povos.

Segundo a escritora Conceição Evaristo, o narrar é sempre, em alguma instância, (re)inventar uma realidade, moldar a forma que o/a leitor/a deve se aproximar de seu modo de escrita, onde ficção e experiência de vida se entrelaçam, entre relatos cheios de detalhes, diferentes perspectivas e tensões externas e internas: ou seja, permeadas daquilo de que são formadas as memórias.

Conceição Evaristo se destaca na literatura contemporânea como contista, bem como na escrita de outros gêneros literários. Estreou como escritora literária com poemas e contos publicados na Série *Cadernos Negros*. Hoje sua produção conta com diversas obras, incluindo poemas, contos, romances como *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos D'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016).

Provinda de uma origem simples, a autora costuma dizer que nasceu rodeada de palavras, considerando-se herdeira da cultura africana na qual a oralidade possui um valor superior ao da escrita. Conceição teve uma infância sem acesso à educação formal, livros, bem como a leitura, seu primeiro contato com a literatura ocorreu por meio da oralidade, através das histórias contadas em sua casa, pelas mulheres com quem conviveu, costumes que carregaram de seus antepassados, como afirma Carneiro (2006): “As contadeiras de histórias, as pretas velhas, as cantigas e as palmas, tudo são ensinamentos e valores de uma tradição oral e corporal que dão sustento, estruturam personalidades e transmitem uma pedagogia. (CARNEIRO, F., 2006, p. 23).

Em consonância com esse pensamento, Silva e Oliveira (2017) afirmaram:

As narrativas orais apresentam múltiplas funções, pois além de servir de elo entre novas e velhas gerações, têm o importante papel de fortalecer relações entre pessoas e comunidades, criando uma rede de transmissão de conhecimento que valoriza um saber tradicional e modo de vida ressignificado pela interação por meio da palavra. (SILVA, OLIVEIRA, 2017, p. 10).

Dessa forma, a narrativa memorialística sempre se fez relevante na vida da autora e ocupa um lugar central em seus contos, assim como em toda a sua produção, na qual faz resgates a diáspora africana, dando voz ao discurso dos grupos subalternos e apagados da história. A busca por este encontro com o passado implica tentar recuperar, na riqueza do legado cultural afro brasileiro, a força necessária para

contornar os obstáculos da sociedade opressora. Assim, percorrendo a memória negro-brasileira, e sua forte cultura oral, Conceição propõe-se a revelar a experiência de povos que viveram sob a marca da escravidão e que continuam sofrendo consequências do passado colonizador. Desse modo toda a sua escrita traz a construção de uma identidade negra reivindicatória de voz, de memória, e direitos em uma sociedade marcada pela desigualdade e prevalência da ideia hegemônica da democracia racial. Conforme Ferreira (2017),

Muito mais do que simplesmente contar histórias, ficcionalizando temas e criando personagens, a literatura escrita por mulheres negras tem um empreendedor papel de trazer à cena contemporânea, o debate sobre a importância, o compromisso e a responsabilidade das intelectuais negras em usar a escrita como ferramenta de produção teórica e também como recurso de um tipo de ativismo que fundamenta questões relacionadas à raça, à classe, ao gênero e à sexualidade, presente nos textos escritos por essas autoras. (FERREIRA, 2017, p.8).

Nesse sentido, os contos de Conceição Evaristo expressam um importante posicionamento que busca desconstruir estereótipos, bem como enfatizar e privilegiar, especialmente, a vivência da mulher negra na sociedade brasileira, construindo narrativas e personagens negras protagonistas memoráveis que representam as experiências subjetivas dessa parcela silenciada e excluída pela sociedade, buscando devolver-lhes a voz e autoria de suas histórias, bem como garantir a materialização e a conservação da memória de suas ancestrais. “[...] sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira” (GOMES, 2015, p. 10).

A literatura de autoria negra teve os seus primeiros registros no Brasil no século XIX. O cenário em que a escrita negra emergia na sociedade era o mesmo em que a arte literária consolidada estabelecia a imagem do negro em uma condição secundária, subalterna, estereotipada, descrito apenas através da perspectiva branca que mantinha a sua animalização como um recurso literário; refletindo, dessa forma, a sociedade como um todo, pois como afirma Cuti (2010) “A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade” Dentre as múltiplas formas de violência que o racismo trouxe para o Brasil, estava a negação da intelectualidade do homem e da mulher negra, o que resultaria em esforços para a deslegitimação da sua escrita literária.

Os primeiros estudiosos a se dedicarem a análise crítica da vertente literária negro-brasileira foram estrangeiros, ratificando assim, a ausência de importância dada a essa literatura pelos estudiosos e críticos brasileiros. Nesse sentido, a literatura de autoria negra foi, por muito tempo, ignorada e a colocada à margem da sociedade. Ao longo da história, foram vários os autores e autoras negras que sofreram com a exclusão e o apagamento. Entre eles, estão nomes como, Luiz Gama, Lima Barreto, Maria Firmino dos Reis e Cruz e Souza. Maria Firmina, na introdução do seu livro “Úrsula”, de 1958, obra que marca o primeiro romance de autoria feminina negra no Brasil, escreveu: “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume” (REIS, 2018, p.93). Dessa forma, a autora demonstra a consciência de que a indiferença era uma prática comum da elite intelectual brasileira para os escritores negros.

Entretanto, as associações negras no início do século XX e os movimentos que viriam a acontecer a partir da década de 1970 impulsionariam essa importante

vertente literária na escrita sobre as vivências e subjetividades do povo negro. Em 7 de Julho de 1970 houve, em São Paulo, uma importante manifestação de homens e mulheres negros que protestavam contra a violência policial frequentemente sofrida. Tal acontecimento daria origem ao Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNDCR), cuja denominação passou a ser posteriormente Movimento Negro Unificado (MNU), tal movimento teve relevante atuação na denúncia do racismo e afirmação da identidade negra.

No contexto das manifestações promovidas pelo MNU, em 1978 é lançado o primeiro volume da série *Cadernos negros*, reunindo uma gama de produções de escritores negros que tratavam de temáticas relacionadas ao racismo e desigualdade, buscando promover em seus leitores uma consciência crítica sobre a sua condição. Nesse sentido, na medida em que os movimentos que lutavam pela igualdade étnica e social foram se fortalecendo, também na literatura o negro pôde assumir a narração de sua própria história. Conforme Cuti, (2010)

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanação do discurso, o “lugar” de onde fala. (CUTI, 2010, p. 12).

Através dos diversos movimentos que pautavam as questões raciais, um considerável número de escritores(as) negros(as) sentiram-se encorajados e instigados a revelar a sua escrita de si, rompendo o ciclo de omissão, e “autocensura” como nomeou Cuti em seu livro *Literatura Negro brasileira* (2010); utilizando as suas vivências enquanto sujeitos negros, por vezes subjugados, mas agora como protagonistas de suas narrativas. Assumir essa identidade negra, no entanto, podia ser um processo extremamente doloroso, uma vez que as referências positivas da identidade negra eram quase inexistentes.

A questão de assumir o “lugar” de fala, como cita Cuti (2010), seguindo o pensamento de Ribeiro (2019), nos leva a reconhecer que esse lugar é construído a partir de certas realidades próprias dos grupos sociais que os emanam. Não sendo possível que outros indivíduos que não passaram pelas vivências de determinado grupo, possam assumir-se porta-voz destes. Em seu livro “Lugar de fala”, Djamila Ribeiro explica que a hierarquia de supremacia branca estruturada na sociedade brasileira desde o período colonial, faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes negras sejam mantidos em um lugar inferior. Conforme Djamila “pensar lugar de fala seria romper o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (RIBEIRO, 2019, p.89) Dessa forma, o objetivo da ideia do lugar de fala é permitir voz e visibilidade a sujeitos cujos pensamentos foram desconsiderados durante muito tempo. Conforme Semeog (2015):

Essa militância literária permite a apropriação do eu negro pelo próprio negro. Seu trânsito por novas subjetividades resulta, de imediato, no autorreconhecimento, no fortalecimento da autoestima, na quebra do medo ou da insegurança frente ao branco posto como único e ideal. (SEMOG, 2015, p. 142).

Ainda conforme Semeog

O leitor negro, e o não negro, da literatura afro-brasileira passam por ressignificações que lhes possibilitam a construção de novos entendimentos

da relação negro-branco, onde o racismo se evidencia como mal-estar cultural, e se torna, nesses leitores, constrangedor permitir que seja banalização. (SEMOG, 2015, p. 143).

Daí a importância de reconhecer a literatura negra como relevante instrumento de combate e superação ao racismo e as desigualdades, e de conscientização da população negra; pois só através de muita luta e resistência às tentativas de apagamento, novas vozes surgiram na literatura brasileira, agora, armadas por caneta e pelas memórias vivenciadas, revelando a verdadeira face da história que foi inscrita a partir das relações de poder, que beneficiavam apenas uma classe, um gênero e uma “raça” na sociedade brasileira: a elite branca masculina. Nesse sentido trazemos as palavras de Domício Proença, com as quais o autor concluiu seu artigo “A trajetória do negro na literatura brasileira” ressaltando a importância dessa vertente:

É importantíssima a ocupação pelos negros e seus descendentes de espaços literários e de outros espaços igualmente culturais até então timidamente frequentados. O caminho vem sendo percorrido. Alguns resultados, poucos, têm aflorado. Importa prosseguir na busca de uma plena e insofismável representatividade, até que se torne inteiramente dispensável a presença como marca de uma *diferença* redutora. (PROENÇA, 2004, p. 188).

Atualmente, a escrita negra vem se afirmando cada vez mais no cenário literário, alcançando um crescente número de vozes negras saídas do silêncio, bem como sua transformação, desde os lamentos e sussurros, aos gritos vibrantes (DUARTE, 2011, p. 7). Assim, a literatura negra – particularmente os contos - tem se demonstrado não somente um espaço fecundo de criação literária, mas também um relevante lugar de resistência, denúncia e representatividade para o segmento negro da sociedade contemporânea.

Dessa forma, Conceição Evaristo, através de seus contos e sua linguagem altamente poética, vem representando essa força negra feminina na literatura brasileira contemporânea, e, paulatinamente, conquistando espaços no meio literário como também no mundo acadêmico, não apenas no Brasil, mas em outros países, reconstituindo a imagem mulher negra que, outrora, na literatura brasileira, figurava apenas em um lugar subalterno, conseguindo, pois, superar as fortes marcas de preconceitos, de exclusão e marginalização e atravessar as fronteiras erigidas pelo padrão social e literário dominante.

### **3 ANÁLISE DO CONTO “OLHOS D’ÁGUA”**

O conto objeto da nossa análise está entre os quinze presentes na obra “Olhos D’água” da escritora Conceição Evaristo, publicada em 2014. A coletânea apresenta uma gama de narrativas costuradas através de histórias por meio das quais as protagonistas, em sua maioria mulheres, sofrem os mais diversos tipos de exclusão e violência na sociedade.

Entretanto, no conto abordado “Olhos D’água” o qual leva o mesmo nome do livro, percebemos que Evaristo, através de uma narrativa não linear, marcada por seguidos cortes temporais, vai além de uma construção atrelada apenas ao sofrimento, pois conduz de maneira poética o leitor pelos caminhos da memória, identidade e ancestralidade afro-brasileira, ou seja, pelas subjetividades negra retomando o lugar de fala e de protagonismo de personagens negras.

No prefácio que abre o livro, já é possível perceber a presença da grande marca da escrita de Conceição Evaristo: *A escrevivência*, que em suas palavras:

(...) seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência (LIMA, 2017, s/p).

Tanto nesse excerto retirado do prefácio como no conto “A gente combinamos de não morrer” deparamo-nos com a realidade dura de milhares de brasileiras negras que são mães e que precisaram desde cedo aprender a enfrentar os desafios de se viver em uma sociedade desigual e violenta para com a população negra: “minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro”. Esta citação faz referência, de certa forma, a trajetória das personagens dos quinze contos da obra, não só das que são mães, mas de todas, que precisaram lidar com algum tipo de violência, marginalização e exclusão. O título da obra “*Olhos D’água*” também está relacionado ao sofrimento dessas personagens no decorrer das suas narrativas, “umedecidas pelo choro”.

No livro estão presentes muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. (EVARISTO, 2017, p.10). Nesse sentido, Conceição recria, através de sua linguagem poética, mas sem idealizações, recortes ou fantasias, a dura realidade e as difíceis condições enfrentadas pela população negra brasileira, em especial mulheres negras e da classe menos privilegiada.

O conto *Olhos D’água* é narrado em primeira pessoa por uma personagem mulher, o conflito da narrativa se desenrola em torno de uma indagação “De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2017, p.15). Através dessa indagação, a narradora-personagem desenvolve o enredo da infância à fase adulta, recordando a presença materna diante dos infortúnios, entre os quais podemos citar: a fome, a pobreza e o medo de não conseguir criar as filhas.

A narrativa se inicia quando a personagem/narradora acorda no meio da noite com o questionamento citado: “E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite, se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo” (EVARISTO, 2016, p. 15).

A busca pela resposta ganha também outros sentidos, ela relembra a sua origem, sua infância e características de sua mãe:

Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupas alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela (...) (EVARISTO, 2016, p. 16).

A partir da citação observamos que essa mãe vivia como lavadeira de roupas, fato que nos remete à realidade recorrente na vida de milhares de mulheres negras

que, sem acesso à educação e sem oportunidades, recorrem ao trabalho braçal para sobreviver, e sacrificam-se para cuidar dos filhos. Ao ressaltar que tais brincadeiras só ocorriam quando a mãe deixava de lado o “lava-lava, o passa-passa”, é evidenciado que esse tipo de trabalho também priva a família de tempos de felicidade, confirmando a dureza da vida das famílias que vivem exploradas na sociedade. Aqui podemos então identificar a condição socioeconômica da família em questão:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. (EVARISTO, 2016, p. 16,17)

Os momentos em que mãe e filhas brincavam juntas ressurgiam nos dias em que não havia alimento em casa, por isso “era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas(...) Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía” (EVARISTO, 2016, p. 17). Notamos aqui a presença do lúdico como forma de burlar a fome e meio para preencher ao menos o vazio da alma.

A narradora, então, relata sua conexão com a mãe, com a família quando recorda momentos de sua infância e de sua mãe, admitindo o entrelaçamento das lembranças que se confundem, o que sinaliza a reincidência da pobreza e exclusão herdadas por novas gerações:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. (EVARISTO, 2016, p. 16-17).

É válido ressaltar que o questionamento da narradora pode ser considerado também como significativo para toda a obra, pois ele se entrelaça ao enredo das outras histórias de modo a construir uma narrativa única, ou seja, o primeiro conto do livro, “Olhos d’água”, marcado pelo monólogo interior, inicia representando as questões interiores da mulher negra para, em seguida, avançar para as questões exteriores, focando os sofrimentos e as subjetividades das personagens, decorrentes dos problemas sociais, afetivos e psicológicos vividos por elas.

Prosseguindo a análise do conto, percebemos que a narradora saiu de sua cidade em busca de conseguir uma condição de vida melhor para si, para sua mãe e para suas irmãs: “Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás” (EVARISTO, 2016, p. 18). Tal deslocamento, que, surge como o distanciamento do indivíduo do seu local de origem/identitário, pode fazer com que elementos, fundamentais na nossa construção

social enquanto ser humano, sejam esquecidos, como, por exemplo, uma lembrança essencial para a narradora: a cor dos olhos da mãe.

Conforme Rosa (2015, p. 88), na simbologia, o olho é o “principal órgão da percepção sensitiva. Símbolo da visão espiritual, é relacionado com o espírito, espelho da alma”. Dessa forma, a ausência dos olhos da mãe na memória da narradora pode simbolizar uma perda de identidade espiritual, possivelmente ocasionada pelo distanciamento. Esse deslocamento pode ser relacionado, em uma análise mais abrangente, no sentido espacial, ao deslocamento sofrido, sobretudo, pelos negros na África. É sabido que, entre as três principais raças responsáveis pela formação do Brasil – a indígena, a europeia e a africana – os negros foram os únicos trazidos à força, como diz Schwarcz (2012). Por isso, ao representar o afastamento dos negros do seu território – seja intermunicipal, interestadual ou intercontinental – e, sobretudo por chegarem a um país que, desde o seu princípio, irá se caracterizar por, dentre outras coisas, a imposição de culturas, Evaristo (2016) denuncia, também, a continuidade da tentativa de apagamento da memória afro-brasileira.

A autora também resgatará a tradição africana dando-a destaque ao evidenciar a marca da força das mulheres negras e a ancestralidade que representará a continuidade e a resistência da cultura africana:

(...) eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (EVARISTO, 2016, p.18).

Nesse trecho, percebemos a presença dominante das mulheres na estrutura familiar e na criação das filhas, o que sugere que a narradora e suas irmãs tenham crescido sem a figura paterna, fato comum, que é o abandono dos pais, impondo para as mulheres a responsabilidade de lidarem com as dificuldades da criação solo de seus filhos. A narradora reconhece, portanto, essa força motriz das mulheres que foram importantes em sua vida, bem como de suas ancestrais “que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue.” (EVARISTO, 2016, p. 18). Ainda no trecho, Evaristo chama atenção para aspectos da cultura e religiosidade africana, citando os cantos de louvor às ancestrais “Yabás, donas de tanta sabedoria”, bem como para o sofrimento pelo qual as mulheres negras precisaram enfrentar desde sempre, e que estão representados por três elementos: as mãos, as palavras e o sangue.

O primeiro elemento representa o duro trabalho dos negros para a construção do Brasil. A respeito do segundo, a palavra pode representar a principal arma desse povo, a sua cultura, os valores, sejam religiosos ou éticos, já que a “escrevivência”, resultado da experiência vivida pela autora, é refletida na obra. Por fim, o sangue, que pode representar tanto a vida, como a luta/morte, aludindo ao sofrimento e as vidas perdidas desde os navios negreiros que transportavam mulheres e homens negros em condições desumanas, marcadas por maus-tratos e torturas, os quais se estendem por todo período colonial. Acrescido a isto, podemos ainda enfatizar, que a população negra continua sendo a maior em índices de mortalidade no Brasil, vítimas da violência racial e do preconceito enraizado.

Ao apresentar tais elementos, a autora levanta também a importância do cultivo de memórias, para que sejam recolocadas a partir de novos elementos e situações do



presente. Visto a relevância desta na construção de valores coletivos e também na formação o indivíduo,

pois [...] pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1979, p. 9).

Como também afirma Pollak (1989, p. 8), “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”, portanto esta deve ser inscrita a partir da perspectiva do negro e não por uma memória oficial que não concebe as verdadeiras vivências deste grupo. Segundo o autor, todos os povos gostam de relembrar o passado e possuem a oportunidade de rememorar. Nesse sentido, os negros podem se valer de suas culturas, memórias e religiosidade, como material estético para se trabalhar a literatura, bem como para se fortalecer e resistir as tentativas de apagamento. Assim, Evaristo luta, através de sua escrita para que essas histórias, essas reminiscências não se perdam, pois são paradigmas para o sujeito atual, por isso a necessidade da valorização da memória e da ancestralidade na ficção:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva. Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia!” (EVARISTO, 2016, p.18).

Neste momento ressalta-se mais uma vez a condição precária em que viviam essa mãe e suas filhas, em um barraco inseguro, o qual a mãe da narradora não sabia se resistiria ao temporal e chorava em desespero, temendo por suas filhas. Aqui, a autora utiliza um jogo de palavras, que perpassa pela experiência de Evaristo como leitora e produtora de poesia, logo o entrelaçamento de suas palavras se torna um de seus artifícios que compõem a força da voz de sua narração e das suas histórias: “Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia!” . E assim como já no título, Evaristo mais uma vez utiliza a imagem dos olhos para atribuir um sentido poético à narrativa.

Mas, por mais que tantas memórias viessem à tona na mente da personagem, o não lembrar dos olhos da sua mãe era o que mais lhe afligia, despertando a necessidade de reencontrar a sua mãe. “E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe” (EVARISTO, 2016, p.18). E depois de uma longa viagem ela chega ao destino e se encontra com uma situação inesperada: os olhos de sua mãe estavam cheios de lágrimas:

[...] após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios

calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (EVARISTO, 2015, p. 18-19).

A matriarca estava feliz em rever sua filha e a sua emoção escorria também em seu rosto através do choro, despertando em sua filha o questionamento: sua mãe “tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face?” E só então constatou que sua mãe trazia em seus olhos “águas correntezas (...) Águas de Mamãe Oxum!”. São águas/lágrimas que refletem o sofrer e o resistir de toda uma vida pautada em lutas e na insistência de sorrir mesmo diante a dor. Dessa forma, os olhos, responsáveis pela percepção visual e sensitiva, agora são representados por lágrimas, daí, então, o título Olhos d’água. O elemento água, que é o componente singular no conto, representado por meio do choro, faz alusão à dor, ao sofrimento, mas também à resistência e à coragem.

Assim como na poesia, neste conto, Conceição Evaristo liga passado/presente /futuro vislumbrando no olhar da filha a esperança de dias melhores:

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou: Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2015, p. 19)

Após finalmente entender a cor dos olhos úmidos de sua mãe, ratifica-se nessa passagem a relevância da descoberta, que deixa de ser uma incerteza e se torna um espelho que reflete toda uma trajetória. A discussão presente na narrativa, conectada à voz autoral, estabelece uma relação com a identidade negra e a herança afro brasileira, recorrendo, pois, à imagem dos olhos como elo entre o passado e o presente, que se transfere para as três gerações presentes no conto (avó, filha, neta).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das reflexões e análise empreendida neste trabalho, constatou-se a relevância da escrita de Conceição Evaristo, no sentido de trazer a cena literária contemporânea a representação do seu povo, sua cultura, subjetividades e dilemas, especialmente da mulher negra na sociedade brasileira, através da sua obra. Percebemos que o resgate ao passado, dos legados da ancestralidade africana podem ser considerados a estratégia principal da escrita da autora para resistir a tentativa de apagamento histórico das raízes negras, de sua história, visto que, é por meio das memórias, que o passado estrefegado durante a diáspora, se refaz, construindo as identidades e a cultura, garantindo a sobrevivência da história desse grupo étnico racial.

Novamente destacamos que no conto analisado Evaristo trabalha justamente a relação entre passado e presente para evidenciar o quão se faz importante o resgate e cultivo de memórias na construção do eu, já que, como afirma Lourdes Rossi (2019) “Os exercícios de memória constituem nossas vivências e materializam nossas lembranças pessoais e coletivas. Realizar esses exercícios de retomada contribui

para que possamos entender a nós mesmos e aos diferentes contextos em que estamos inseridos.”. Bem como tece denúncias a desigualdade e dificuldades que as mulheres negras enfrentam.

É também através da memória que a escritora apresenta em sua obra, suas “escrevivências”, que surgem com o objetivo de dar voz as mulheres negras, que vivem em situação de pobreza, vulnerabilidade e possibilidades restritas, contribuindo para a visibilidade, reconhecimento e protagonismo dessas.

Em toda a sua escrita, Evaristo empreende, por tanto, um processo de humanização, que promove espaço e voz aos historicamente silenciados, expondo, nas histórias de suas personagens, a realidade da sociedade brasileira que, por meio das relações de poder, que se perpetuam historicamente, marginaliza e exclui a maior parte da população negra, sendo a mulher negra sempre a mais subalternizada em todos os aspectos.

Enquanto uns têm direito à moradia digna, condições e oportunidades; outros são submetidos ao esquecimento, marginalização, trabalhos subalternos, aos barracos e a fome. Tais aspectos do espaço social se estendem e se inscrevem nos corpos e na memória, imprimindo-lhes dores, marcas, cicatrizes a que buscam resistir de todas as formas, inclusive pela literatura. Esperamos, portanto, que esta pesquisa contribua para os estudos acerca do papel essencial da escrita feminina negra, como a da autora Conceição Evaristo, para romper a estrutura da subalternidade atribuída as pessoas negras, assim como promover sua ascensão e protagonismo de suas narrativas.

## REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.\\_pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile._pdf). Acesso em 15.09.2021.

CARNEIRO, Fernanda. **Nossos passos vem de longe...** IN: WERNECK, J. Mendonça, Rio de Janeiro, 2006.

CORTÁZAR, J. **Valise de Cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CUTI, L. Silva. **Literatura negro-brasileira**. – São Paulo: Selo Negro, 2010. – (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015

FERREIRA, A. Crispim. - **A memória em Poemas da recordação e outros movimentos, de Conceição Evaristo**. LITERAFRO – São Paulo, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT. T. Engel. SILVEIRA. D. Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. Editora : atica. São Paulo, 1990.

HOOKS, Bell. **“Mulheres negras: moldando a teoria feminista”**. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 16, 1: 193-210.

LIMA, Juliana Domingues. **Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’**. NEXO. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/-contaminada-pela-condi3o-de-mulher-negra>. Acesso em 13.09.2021.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala/** - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSA, M.C. A. **Dicionário dos símbolos: o alfabeto da linguagem interior**. São Paulo: Editora Escala, 2015.

ROSA, M. Severino Ueno. **Da prática à teoria – o conto na perspectiva de quatro contistas**. *Revista Água Viva* - São Paulo, 2018.

ROSSI, M. de Lourdes. **A Escrivência de Conceição Evaristo como Reconstrução do Tecido da Memória Brasileira**. Paraná, 2019.

SEMOG, Éle. **Literatura Afro-brasileira e superação do racismo** - *Revista Australírica*, Vol. 1, N° 1, São Paulo, 2015.

SILVA, M Dione. OLIVEIRA, S. Silva. **Narrativas, tradições orais e suas manifestações nos territórios quilombolas África e Laranjituba, Moju Pa: A Narrativa do emu – A BEBIDA SAGRADA**. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/5\\_.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/5_.pdf). Acesso em 01 de setembro de 2021.

SOUZA, A. Lisboa. SILVA, A. Lúcia. **Oralidade – Cantos e Reencantos: vozes africanas e afro-brasileiras**. Geledés. São Paulo, 2013.

SOUZA, C. Conceição. **A literatura afro-brasileira de autoria feminina: A escrita como ferramenta de resistência e expressão de identidades a partir da leitura dos contos olhos d’água e quantos filhos natalina teve?** São francisco do conde, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1699/1/2019\\_mono\\_caroli\\_neconceicao.pdf](https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1699/1/2019_mono_caroli_neconceicao.pdf). Acesso em 21.09.2021.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira**. 1. ed. São Paulo: Claro enigma, 2012.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, a quem deposito toda minha fé, e, sobretudo, pela permissão de trilhar os caminhos pelos quais me trouxeram até aqui, agradecer o quão grande Ele é na minha vida.

Depois, quero agradecer à minha família, em especial à minha filha, Laura Annelyse, por ser minha principal motivação na busca de um futuro melhor para nós; à minha mãe, Maria Aparecida, por fazer o possível para que eu conseguisse dar segmento a este curso, com seu auxílio e apoio nas horas de dificuldades, e com os exemplos de vida que sempre me deu. Aos meus irmãos, Luís Pierson e José Péricles, por serem exemplo de determinação e por me encorajar nesta caminhada.

Agradecer à minha querida orientadora Ana Lúcia, pela compreensão e orientação a este trabalho de pesquisa. Aos demais professores que contribuíram para minha formação acadêmica, toda a minha gratidão. Às minhas companheiras de graduação, Jéssica Silva e Raquel Bastos pela amizade e aprendizados compartilhados. Enfim, gratidão a todos que direta ou indiretamente participaram dessa trajetória.